

Revista Mídia e Cotidiano
Artigo Seção Temática
Volume 12, Número 3, dezembro de 2018
Submetido em: 15/10/2018
Aprovado em: 07/11/2018

O MÉTODO DA IGUALDADE EM JACQUES RANCIÈRE: ENTRE A POLÍTICA DA EXPERIÊNCIA E A POÉTICA DO CONHECIMENTO¹

THE EQUALIZATION METHOD IN JACQUES RANCIÈRE: BETWEEN THE POLITICS OF EXPERIENCE AND THE POETICS OF KNOWLEDGE

Ângela Cristina Salgueiro MARQUES²; Marco Aurélio Máximo PRADO³

Resumo: O objetivo central deste artigo é refletir acerca de como podemos conceber a proposta teórica de J. Rancière como um método baseado em uma operação dissensual que desloca objetos e discursos de seu tempo e espaço designados hierarquicamente no cotidiano e nos quadros interpretativos convencionais e os reconfigura para o campo das invenções de formas diversas de linguagem, de manifestação e argumentação - invenções que caracterizam a comunicação como uma rede de traduções e contra-traduções. Evidenciaremos como Rancière procura configurar uma forma polêmica de reenquadrar o comum a partir da subversão de uma dada distribuição do sensível e da criação de cenas de dissenso entre duas ordens heterogêneas e articuladas: a ordem policial e a política.

Palavras-chave: Método da igualdade; Dissenso; Experiência; Poética do conhecimento.

Abstract: The aim of this article is to reflect on how the theoretical proposal of J. Rancière can be conceived as a method based on a polemical operation that displaces objects and discourses of their assigned time and space (imposed hierarchically) in the daily life and in the interpretative frames and reconfigures them into the field of inventions in various forms of language, manifestation and argumentation - inventions that characterize communication as a network of translations and counter-translations. We will show how Rancière seeks to configure a polemical way of re-framing the common from the subversion of a given distribution of the sensible and the creation of scenes of dissensus between two heterogeneous and articulated orders: police and politics.

Keywords: Method of equality; Dissent; Experience; Poetics of knowledge.

¹ Este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo CNPq, pela CAPES e pela FAPEMIG.

² Doutora em Comunicação Social pela UFMG e Professora do Departamento de Comunicação dessa mesma instituição, atuando na graduação e Pós-graduação. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, PQ-2. E-mail: angelasalgueiro@gmail.com.

³ Doutor em Psicologia Social. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG e bolsista CNPq. E-mail: mamprado@gmail.com.

Introdução

Michel Foucault e Jacques Rancière configuraram, cada um a seu modo e a partir de uma complexa trajetória de pesquisas em arquivos, uma filosofia atenta às vidas e experiências ordinárias, indagando, respectivamente, pelas suas dimensões de liberdade e resistência; emancipação e subjetivação política. Ambos valorizam um pensamento da "desordem", da resistência política e de uma rejeição da atribuição de identidades sociais predestinadas, incitando novas posições teórico-metodológicas na compreensão de experiências até então relegadas ao plano das interpretações hierárquicas do conhecimento científico.

A produção de M. Foucault entre os anos de 1977 a 1984 (ano de sua morte), destinada à uma ética do cuidado de si e das tecnologias de apropriação de si – assim como seus seminários acerca da governamentalidade e da sustentação policial das práticas biopolíticas de controle e gestão – possui grande afinidade com a problemática da emancipação política e da igualdade no pensamento de J. Rancière.

Grande parte das tensões entre os dois filósofos pode ser encontrada nas entrevistas concedidas e obras escritas por Rancière. O contrário é quase inexistente, sendo que uma das poucas interlocuções diretas entre os dois ocorreu por ocasião de uma entrevista que Foucault concede, por escrito, a Rancière em 1977.⁴ As influências que Foucault teve na modelagem da filosofia política de Rancière são destacadas de forma explícita em livros como *O desentendimento* e *O método da igualdade*. E, também nessas obras, Rancière geralmente tematiza sua dívida com os ensinamentos de Foucault, ao mesmo tempo em que dele tenta se distanciar (MARQUES e PRADO, 2018).⁵

A relação que Rancière estabelece com o pensamento de Foucault é ambivalente

⁴ “Poderes e estratégias”, entrevista originalmente publicada no periódico “Les révoltes logiques”, n.4, 1977, p.89-97. A entrevista teve suas perguntas e respostas elaboradas por escrito, sem interação presencial entre Foucault e Rancière, a não ser quando este foi buscá-la para publicação.

⁵ Até o presente momento, é comum dividir os trabalhos de Jacques Rancière em dois períodos distintos, conectados a dois conjuntos de questões que dirigem suas reflexões. O primeiro período se inicia com a publicação de *A lição de Althusser* (1974) e vai até a escrita de *O Desentendimento* (1995) e *As margens da política* (1998). Tais obras se dedicam especificamente ao pensamento acerca da política e da democracia. Os anos entre 1996 e 1998 marcam uma aproximação entre política e estética, com a publicação de livros sobre literatura e, em seguida (de 2004 em diante), sobre teoria estética e artes visuais (*A Partilha do Sensível; The politics of aesthetics; A Fábrica Cinematográfica, O destino das imagens; O espectador emancipado, Aisthesis*, etc.). Contudo, essa divisão entre a fase política e a fase estética não se sustenta para além da aparência: para Rancière (2012), a política é estética (impõe subversões à percepção social dominante através da produção de cenas de dissenso) e a estética é política (introduz o princípio de igualdade nas práticas, representações e percepções que contam como arte e como experiência estética).

e cheia de facetas, variando da inspiração à insatisfação. Há desde uma grande afinidade e identificação com o método adotado por Foucault para fazer falarem documentos e discursos que abrigam as vozes dos “homens ordinários”, até uma explícita discordância com relação à construção de uma abordagem das possibilidades de resistência ao poder e ao controle.⁶ Quando desenvolveu seu próprio método de pensamento e pesquisa, Rancière afirma buscar, inspirado pelo trabalho de Foucault acerca dos detentos nas prisões, uma *poética do conhecimento* que tem como objetivo romper com a separação hierárquica entre o discurso que explica e aquilo que deve ser por ele explicado; a separação entre o intelectual (que teria conhecimento da racionalidade do poder e da dominação) e o homem ordinário (o louco, o prisioneiro, o trabalhador, enfim o indivíduo que não teria consciência de sua dominação).

O objetivo central deste artigo é refletir acerca de como no pensamento de J. Rancière pode-se conceber sua proposta teórica como um método baseado em uma operação dissensual que desloca objetos e discursos de seu tempo e espaço designados hierarquicamente no cotidiano e nos quadros interpretativos convencionais e os reconfigura para o campo das invenções de formas diversas de linguagem, de manifestação e argumentação - invenções que caracterizam a comunicação como uma rede de traduções e contra-traduções. A operação dissensual, nesse sentido, rejeita o método como um imperativo hermenêutico que se propõe invariavelmente, através da lógica da suspeita do discurso, à interpretação dos enunciados (RANCIÈRE, 2000a).

Evidenciaremos como ele procura configurar uma forma polêmica de reenquadrar o comum: um reenquadramento que depende da subversão de uma dada distribuição do sensível a partir da criação de um lugar polêmico, uma cena de “confrontação entre sentidos comuns opostos ou modos opostos de enquadrar o que é comum” (RANCIÈRE, 2009a, p.277). O reenquadre reorganiza o tecido do sensível a partir do encontro conflitivo entre duas ordens heterogêneas, a ordem policial e a política. O reenquadre relaciona-se, portanto, ao ordenamento das formas de escritura da história, das formas de apresentação das situações, de agenciamento dos enunciados, das formas de construção das “relações entre causa e efeito ou entre antecedente e consequente que rasgam os formatos tradicionais, os modos de apresentação de objetos, de indução de significações e de

⁶ Para Foucault, as resistências limitam as relações de poder, tornando-as móveis, contingentes, instáveis e reversíveis.

esquemas causais que constroem a inteligibilidade do padrão da história” (RANCIÈRE, 2006, p.164). Reenquadrar é uma operação que pode extrair narrativas de uma ordem policial de articulações do tempo e espaço e fazê-las aparecer como proferimentos que promovem uma nova partilha do sensível. Não há desmontagem nem destruição das narrativas, mas extração e reinserção, uma alteração de uma grade de formatações da realidade e das relações entre temporalidades, visibilidades e discursividades.

É nesse sentido que J. Rancière, em nosso argumento, faz duas torções centrais no pensamento contemporâneo científico: a de não extrair um método de uma teoria, mas muito pelo contrário, sua apresentação teórica é a exposição do próprio método em ação; e a de não expor um método como um conjunto de procedimentos técnicos, mas ao revés, exigir que um método seja um princípio de ação, uma experiência em si, uma posição subjetiva. Essas torções são efeito da uma leitura do autor sobre a posição discursiva da escrita e sua função social na proposição platônica. Rancière apresenta uma leitura distinta da crítica da escrita em Platão, evidenciando dois elementos chaves: a) de que o excesso de palavras da escrita reordena a relação entre os nomes e as coisas, portanto, o excesso de palavras é essencial para a produção da vida que reordena a lógica da designação; b) o excesso de palavras que desloca a posição legitimada de quem fala e, portanto, reordena a posição na hierarquia da função social do discurso (RANCIÈRE, 2000a). Assim estamos frente a um método que tem o estatuto de uma posição política: de redesenhar as ordenações e os dispositivos da aparição das vozes dos subalternos.

Um método que redesenha o relato e a palavra do subalterno

Entre 1969 e 1972, Rancière (2016, p.38) afirma ser ativo na esquerda proletária, atuando essencialmente como um militante das insurgências de base: “indo para os portões de fábricas, distribuindo panfletos, colando cartazes no início do dia, transportando coisas e fazendo parte da ação coletiva”. Seu envolvimento com esse ativismo de base, o colocou em contato com o ambiente de prisões e com prisioneiros, além de inseri-lo em processos de preparação de julgamentos políticos (MARQUES e PRADO, 2018).

Na mesma época, Michel Foucault e outros intelectuais franceses criaram o *Groupe Information Prison* (GIP)⁷, que tinha como um de seus principais objetivos investigar a realidade dos presos a partir de suas próprias narrativas. O cotidiano prisional seria objeto do GIP através de informações encontradas não nos relatórios oficiais, mas obtidas juntos àqueles e àquelas que têm uma experiência da prisão ou uma relação com ela.

Para Rancière (2016), o valor do trabalho e do método de Foucault não é simplesmente destacar o fato de que os prisioneiros possam falar por si mesmos sem ter seu discurso proferido por um porta-voz autorizado. Isso já estava nítido na publicação do texto “Sobre as prisões”⁸, em 1971, quando Foucault apresenta o trabalho de recolhimento e difusão de informações sobre a vida carcerária realizado pelo GIP:

Trata-se de dar a palavra àqueles que têm uma experiência da prisão. Não porque eles precisem que os ajudemos a “tomar consciência”: a consciência da opressão está ali, perfeitamente clara, sabendo muito bem quem é o inimigo. Mas o sistema atual lhe recusa os meios de se formular, de se organizar (FOUCAULT, [1971] 2003, p.4)

Na visão de Rancière, o interessante era perceber como Foucault construía um método para produzir, intertextualmente, formas de narrar a experiência, a expressão do conhecimento, das reações, indignações e reflexões sobre a situação carcerária. Era o método de transformação da experiência individual em saber coletivo que despertava o interesse de Rancière. Ambos, Foucault e Rancière, se interessavam pela palavra, pelo enunciado do subalterno: o primeiro, para fazer circular informações e denunciar as condições desumanas da detenção prisional; e o segundo para evidenciar uma semente de potência criadora na produção criativa agenciada pela leitura e pela escrita. Veremos

⁷ O Grupo de Informação sobre as prisões nasce em 1971, com o envolvimento de Foucault na preparação política dos processos de prisioneiros pertencentes à Esquerda Proletária. Em vez de assumir o caráter de uma Comissão de Inquérito, Foucault prefere a alcunha de grupo de informação, insistindo sobre uma experiência coletiva de pensamento e sobre o processo de enunciação dos próprios prisioneiros. “Tratava-se também de mobilizar intelectuais específicos – magistrados, médicos, advogados, jornalistas, psicólogos, assistentes sociais – e de desembaraçá-los da compartimentação através de uma produção ao lado dos detentos: os inquiridores são os inquiridos” (Nota de apresentação do Manifesto do GIP, 1971, Ditos e escritos, IV, 2003, p.1). Ainda sobre a composição do GIP, é interessante destacar que Rancière comenta, no livro *The method of equality*, que sua esposa participou do GIP. Portanto, vínculo que ele construiu com as reflexões do GIP foi um pouco mais próximo do que o texto leva a crer.

⁸ Publicado originalmente no periódico *J'accuse*, n.3, 15/03/1971, p.26. In: “Sobre as prisões”. MOTTA, Manoel Barros da (org.). Ditos e Escritos IV, Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.4-5.

adiante como Rancière distingue sua busca pela resistência, da busca foucaultiana pelo poder e seus instrumentos de sujeição.

O interesse pelo método era também acrescido pelo movimento de articulação de textos realizado por Foucault, e por sua investigação sobre os instrumentos de sujeição. Foucault partia da premissa de que, embora o prisioneiro saiba quem é seu inimigo e tem consciência da opressão que experimenta, o sistema não lhes fornece os instrumentos necessários para sua emancipação. É esse aspecto que atrai a atenção de Rancière mais fortemente, pois é a partir de uma crítica a ele que Rancière vai, aos poucos, se distanciando do modo como Foucault pensa as possibilidades de resistência.

Dito de outro modo, embora Rancière se interessasse, nesse momento, por um método que pudesse dispor as experiências como conhecimento teórico dos oprimidos, sua aposta será repensar um método intertextual que tenha como premissa que aqueles não credenciados para fala produzem conhecimento. Continua acompanhando o pensamento do autor a recusa em imprimir uma hierarquia entre a separação do trabalho manual e intelectual, posição evidente desde seu rompimento com o trabalho de Althusser.

Nesse momento, igualmente, pode-se afirmar uma preocupação que já está presente no pensamento do autor e que, mais tarde, irá se desenhar como um dos elementos que permite uma aproximação e um afastamento do pensamento foucaultiano. A noção controversa de que as formas de sujeição criam a recusa para que a fala do oprimido seja formulada. Aqui, paulatinamente, se revela um importante elemento teórico no pensamento de Rancière o qual anos depois irá concretizar-se na travessia densa para o conceito de subjetivação política. Se no pensamento de Foucault “(...) o sistema atual lhes recusa (aos prisioneiros) os meios de se formular, de se organizar” (FOUCAULT, [1971] 2003, p. 4), é exatamente nessa recusa que o trabalho de Rancière sobre os termos da política se ergue tomando um afastamento do conceito de poder em Foucault.

Nesse sentido, estava em questão naquele momento o fato de que pessoas que antes não falavam agora falavam e tinham visibilidade, e que essas pessoas que não falavam possuem uma teoria sobre a prisão. Foucault nos apresenta a máxima de que não há hierarquia entre tipos diferentes de discurso e de saberes, e essa é uma das dimensões mais significativas do pensamento rancièriano sobre a igualdade. A questão da dinâmica das hierarquias será um atravessamento fundante da teoria de Rancière, seja pensada a

partir das formas estéticas do imaginário do social, seja através das formas de se conceber o conhecimento, a inteligência de todos e os métodos de construção das teorias. Poder-se-ia afirmar que no pensamento do autor argelino-francês o método contra as hierarquias se dá pelo princípio da igualdade, não mais posto como um valor, mas sobretudo como um articulador da métrica da ação.

O método: a valorização da potência da experiência

O método da igualdade em Rancière requer uma ruptura entre o discurso da ciência e o discurso da vida comum. Ele também necessita desenvolver uma maneira de ler e de escrever que seja condizente com o princípio igualitário: construir formas de ler os textos do sujeito comum como se fossem ciência ou literatura; e escrever sobre as experiências deste sem representá-las, explicá-las ou silenciá-las com a pretensa superioridade da sintaxe dominante. Ou seja, nosso autor da igualdade estrutura um método que opera com algumas condições e a principal delas é que permita suspender uma única relação de causa-efeito explicativa sobre a experiência.

O método da igualdade não explora um universo de conhecimentos reais por trás dos discursos e práticas das experiências sociais, causas complexas por trás de superfícies rasas: seu objeto são as superfícies da experiência sensível sobre as quais se possam elaborar intrigas e encontrar sentidos diversos (ROJAS, 2015; CHAMBERS, 2013; PANAGIA, 2018).

Tento sempre pensar não em termos de superfície e sub-solo, mas em termos de distribuições horizontais, de combinações entre sistemas de possíveis. Lá onde buscamos algo escondido sob as aparências, instauramos uma posição de dominação. Tento pensar uma topografia que não implica essa posição de dominação e de controle. É possível, a partir de um ponto indiferente, tentar reconstituir a rede conceitual que torna um enunciado pensável, que faz com que uma pintura ou uma música façam efeito, que a realidade pareça transformável ou não. (RANCIÈRE, 2006, p.142)

Os métodos de Rancière e Foucault tomam como pressuposto o fato de que ler os textos e discursos dos homens comuns (trabalhadores, prisioneiros, condenados, etc.), em sua própria textura, deve ser um gesto capaz de criar conexões com outros discursos de maneira horizontal. Em Foucault, a construção de uma rede de discursos especializados entrelaçados com os discursos de prisioneiros e seus familiares é tematizada no “Manifesto do Grupo de Informação sobre as Prisões”:

Publicam-se poucas informações sobre as prisões; é uma das regiões escondidas de nosso sistema social, uma das caixas-pretas de nossa vida. Temos o direito de saber, nós queremos saber. Por isso é que, informações

vindas de quem tem uma experiência da prisão ou mantém uma relação com ela, junto com informações de magistrados, advogados, jornalistas, médicos, psicólogos, contribuem para formarmos um Grupo de Informação sobre Prisões (FOUCAULT, [1971] 2003, p.2).

Além disso, Rancière (2018) afirma que a escrita promove cenas polêmicas de encontro entre diferentes formas de ordenar o sensível que esses discursos colocam em jogo. O importante para ele é perturbar as causalidades que geralmente estruturam as narrativas historiográficas e seus padrões:

Tento privilegiar as formas de escritura da história, as formas de apresentação das situações, de agenciamento dos enunciados, as formas de construção das relações entre causa e efeito ou entre antecedente e conseqüente que rasgam os formatos tradicionais, os modos de apresentação de objetos, de indução de significações e de esquemas causais que constroem a inteligibilidade padrão da história. Penso que um discurso teórico é sempre, ao mesmo tempo, uma forma estética, uma reconfiguração sensível dos dados sobre os quais ele argumenta. Reivindicar o caráter poético de todo enunciado teórico é também quebrar as fronteiras e as hierarquias entre os níveis de discurso. Aqui encontramos nosso ponto de saída. (RANCIÈRE, 2006, p.164)

Ter acesso aos textos e manifestos dos operários de 1830-50 foi importante para Rancière (2016, 2009a), que define um método singular para dissociar as palavras desses operários dos rótulos que as identificavam como enunciados de “trabalhadores autênticos”, aqueles que expressam sua classe, seu ser e seu *ethos*. Nesse sentido, ele conta que foi tomado pela dimensão performativa dos textos: em vez da afirmação de uma identidade, havia neles uma retórica e uma performance baseada no jogo com identidades, com a identidade percebida pelos outros. As cartas dos operários revelavam argumentos e não só barulho ou um ruído de revolta da classe trabalhadora. Todos iam além do estereótipo da rebeldia e convidavam Rancière a ler o discurso dos operários como algo mais complexo, indo além da questão da identidade e da identificação com um determinado papel social.

O que me interessa são as possibilidades de reconfigurar um campo de possibilidades, o que me afasta das teorias de Foucault que tentam circunscrever, sistematizar o que é possível pensar, dizer ou conceber. O que eu construí foi, acima de tudo, em referência e em reação a Foucault. Queria dizer que, em qualquer mundo singular de experiência há vários caminhos de sistematização dessa experiência precisamente porque aquele mundo é composto de vários mundos, de várias linhas de temporalidade e de possibilidades (RANCIÈRE, 2016, p.87).

Lendo os documentos redigidos pelos operários, Rancière (2016) percebe que eles desejavam apropriar-se por si mesmos de uma linguagem que até então tinha sido do outro, tinha sido privilégio do patrão. Guiado por uma espécie de fio vermelho que passou a articular panfletos de trabalhadores, trechos de materiais literários, documentos legais

ou religiosos, Rancière tece uma narrativa que não tinha a ver exatamente com uma cronologia específica ou com uma passagem entre causa e efeito no sentido da história tradicional.

Isto está relacionado com minha antiga reflexão sobre a emancipação dos trabalhadores. Tentei evitar a abordagem empírica usual, na qual uma narrativa é produzida sobre as lutas dos trabalhadores, que se torna o objeto da teoria. Em vez disso, olhei para as narrativas produzidas pelos trabalhadores e as considerei como sendo, de algum modo, já teóricas. Produzir essas narrativas era uma maneira de os trabalhadores terem uma visão de suas próprias vidas e reconstruírem suas próprias vidas. Eles constituem uma tentativa de enfatizar, reformular e traduzir uma experiência, para apreender a própria carne da experiência. Da mesma forma, o objetivo da "cena" é enfatizar a construção de uma rede, a construção de modos de percepção e formas de inteligibilidade que transformam um objeto ou desempenho em um evento sensível chamado arte (RANCIÈRE, 2014, online)⁹

A pesquisa desenvolvida por Foucault junto aos prisioneiros e seu texto acerca da “vida dos homens infames”, adicionado àquela experiência político-pedagógica em Vincennes como assistente de Michel Foucault¹⁰, tornaram Rancière sensível e aberto à escuta da fala dos oprimidos. “É por isso que eu estava pronto para me sentir próximo de Foucault naquela época – foi essa relação próxima com a militância e a teoria do trabalho que foram, ao mesmo tempo, para além de qualquer noção de aplicação de uma teoria à prática” (RANCIÈRE, 2016, p.67).

A fabulação da escritura

Rancière assinala que, ao olhar para os arquivos do sonho proletário, ele queria mostrar que existe uma forma poética de inscrição dos fatos históricos que está ligada ao modo como os objetos (textos, documentos, imagens, vestígios) são pensáveis:

[...] aqueles que estão no poder possuem um controle muito pequeno sobre aquilo que pensam estar controlando. Mostrei também, na análise da emancipação, que o problema não está em escapar das garras de um monstro tentacular, mas em como conceber a possibilidade de conduzir a vida

⁹ HOLMBOE, Rye. Interview with Jacques Rancière. The White Review, n.10, 2014. Disponível em: <<http://www.thewhitereview.org/feature/interview-with-jacques-ranciere>>, acesso em 22/08/2018.

¹⁰ Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, em 10/09/1995, Rancière comenta que naquele momento sua indicação para o Departamento de Filosofia (organizado por Michel Foucault) na Universidade de Vincennes colocava uma questão central sobre o que ensinar, se devia ensinar ou não determinados temas e como ensiná-los, uma vez que Vincennes se transforma, a partir do movimento de Maio de 1968, em uma novidade acadêmica capaz de apresentar elaborações às questões críticas postas ao poder do conhecimento universitário.

diferentemente do modo como alguém a conduz. Assim, minha questão está em oferecer um ponto de vista diferente, um tipo diferente de relação entre lugar e visão (RANCIÈRE, 2016, p.63).

Ele demarca com essa afirmativa sua posição e seu lugar de fala diante dos textos dos operários: ele não vai utilizar o discurso acadêmico para produzir representações, nem explicá-los, nem buscar uma causalidade histórica. Sua leitura vai produzir uma cena polêmica de expressão, “uma topografia que não pressupõe essa posição de dominação” (2004, p.49), uma topografia da horizontalidade. Rancière está em busca do que ele denominou de poética do conhecimento, ou seja, uma forma de olhar e ler documentos, objetos artísticos e históricos a partir de uma posição teórica igualitária, deslocando-os de um certo roteiro de leitura que conforma e, de certo modo, aprisiona suas possibilidades de interpretação. Seu método (2004, 2006) está voltado para a reconstituição da rede conceitual que torna um enunciado (artístico, literário, político, etc.) pensável a partir de qualquer posição ocupada por um sujeito, seja ele um intelectual, um operário, um ator institucional, um artista:

É possível, a partir de qualquer ponto dessa topografia horizontal, tentar reconstruir a rede conceitual que torna possível conceber como um enunciado, seja uma pintura, uma música, um documento pode produzir uma impressão, permitindo que a realidade apareça transformada ou inalterada (RANCIÈRE, 2004, p.49).

Sob esse aspecto, Rancière (2000a, 2009a) lê os enunciados em busca do mecanismo que faz com que eles possam transformar a realidade, transformar o modo como apreendemos e sentimos o mundo, tal como a operação feita pela ficção. Esta “não consiste em contar histórias, mas em estabelecer relações novas entre as palavras e as formas visíveis, a palavra e a escrita, um aqui e um alhures, um então e um agora” (RANCIÈRE, 2012, p.99). Assim, ele encontra os arquivos do sonho proletário, mas não confere a esses documentos uma denominação que os classifica como textos de “autênticos operários”, mas que os aproxima da literatura, da ficção, da experiência estética.

A experiência estética tem um efeito político na medida em que a perda de destino que pressupõe perturba a maneira pela qual os corpos se encaixam em suas funções e destinos. O que ela produz não é uma persuasão retórica sobre o que deve ser feito. Nem é o enquadramento de um corpo coletivo. É uma multiplicação de conexões e desconexões que reformulam a relação entre os corpos, o mundo em que vivem e o modo como são "equipados" para ajustá-lo. É uma multiplicidade de dobras e lacunas no tecido da experiência comum que altera a cartografia do perceptível, do pensável e do viável. Como tal, permite novos modos de construção política de objetos comuns e novas possibilidades de enunciação coletiva. Agora, esse efeito político opera sob a

condição de ... a suspensão de qualquer relação direta de causa e efeito. O efeito estético primeiro é um efeito de desidentificação. A comunidade estética é uma comunidade de pessoas não identificadas. Como tal, é política, já que uma subjetivação política passa por um processo de desidentificação. (RANCIÈRE, 2008, p. 11)

Assim, o modo como Rancière se apropria dos arquivos é através de uma leitura que entrelaça sentidos diferentes, que busca conexões não planejadas dentro do texto, fazendo-o conectar-se horizontalmente a outros, sejam eles científicos, políticos, literários, conferindo textura e densidade ao enunciado em questão. A poética do conhecimento coloca em relação de igualdade diferentes enunciados. Mas não se trata de relação causal, determinada, pre-configurada: trata-se do livre jogo entre textos, nomes, racionalidades:

A questão não está em saber quais autores foram lidos por alguém, mas saber que existem significados que circulam e cristalizam experiências históricas, situações, movimentos, projetos, todos os tipos de coisas. Aqui estamos fora de qualquer regime de causalidade estrita, temos palavras que circulam, imagens, significados, frases e sentidos. (RANCIÈRE, 2016, p.82)

Rancière admite que seu método teve inspiração em Foucault, uma vez que este o auxiliou a pensar em uma teoria como algo que tem repercussão “não em outras teorias ou ideologias, mas em um mundo todo de discurso” (2016, p.84). A poética do conhecimento, ao configurar um pensamento efetivo, perpassa um conjunto amplo de instituições, regras, estratégias sociais e discursos polêmicos. Ela ajuda a construir forma de organização particular de elementos desse todo. O método, nessa perspectiva, é um ato de desconstrução e desclassificação que não se alia a uma suposição de ciência aplicada. Muito pelo contrário, Rancière, influenciado pelo realismo romântico da literatura descritiva do excesso, encontra na ficção poética a literaridade emergente da contradição da relação causal dos fatos e sentidos.¹¹

Foucault procura tornar visíveis os fios de poder que articulam sujeitos, práticas, instituições e objetos; enquanto Rancière (1994, p.109) se interessa “pela exploração dos

¹¹ “Em meu método há coisas que vêm muito mais da literatura. Certa atenção ao que é possível nomear microacontecimentos, uma maneira de relacionar a questão do acontecimento, do que está se passando, com uma transformação na paisagem do sensível. Isso é algo que devo muito mais a Flaubert, Conrad ou a Virginia Woolf, que a um filósofo como Deleuze” (RANCIÈRE, 2016, p.232). A dedicação de Rancière ao pensamento de Flaubert é um marco em seu método, pois o romantismo realista de Flaubert inaugura para Rancière uma lógica de descrição ficcionada, fabuladora. O centro do problema do realismo para Rancière não era o excesso de coisas, mas a quebra com a lógica da ação, evidenciar a autocontradição da lógica causal. Segundo ele, é na descrição que sublinha as minúcias da hierarquia que a fabulação encontra seu lugar.

múltiplos caminhos com cruzamentos imprevistos pelos quais podem ser apreendidas as formas da experiência do visível e do dizível”. História, política e literatura produzem enunciados que, em igual status, configuram modos de ver, dizer, escutar e ser das singularidades das experiências estéticas.

A poética do método

No livro *Os nomes da história* (1994), Rancière afirma que a forma poética de inscrição dos fatos históricos está ligada ao modo como os objetos (textos, documentos, imagens, vestígios) são pensáveis e dispostos no mundo. Nesse sentido, a chave de leitura que torna os objetos pensáveis para ele recebe o nome de poética do conhecimento (Rancière, 2000a), ou seja, uma reorganização e (re)criação de percepções aceitas da realidade, reorganizando toda uma forma de conhecer e apreender. Em sua obra *A noite dos proletários*, Rancière investiga cartas e documentos escritos por operários franceses no século XIX utilizando o tempo que teriam para dormir para criar, ler e trabalhar a própria linguagem. Segundo ele, um operário alcança, com a leitura e a escrita, a capacidade de se conectar a uma comunidade sensível parcial, aleatória e que não se vincula necessariamente à classe social, mas que permite pequenas invenções no ato mesmo de fazer circular histórias, objetos e enunciados, multiplicando as racionalidades disponíveis no gesto de conferir uma forma singular à capacidade de fazer e dizer que pertence a todos.

A poética do conhecimento consiste, então, em uma operação na linguagem e com a linguagem que retira os objetos, narrativas e corpos de um status que a história social ou cultural atribuiu a eles, permitindo a emergência de um excesso de nomes, palavras e usos. Esse deslocamento não se daria pela racionalidade intelectual ou abstrata mas, pelo contrário, pelo fazer da elaboração da ação coletiva, do rompimento com o tempo e o espaço destinado pelas hierarquias sociais às experiências oprimidas e não contadas como parte das partes do imaginário do social.

O método de Rancière assenta-se justamente no modo como ele escolhe ler os arquivos e cartas escritos pelos operários: como narrativas, como produção literária e história ficcional. Ele insiste em mostrar que não leu os textos por eles escritos como documentos que expressavam a condição ou cultura dos trabalhadores (ou seja, não se tratava de recolher documentos que detalhavam problemas expressos na linguagem do

povo). Não se tratava de mergulhar nos documentos como se eles estivessem representando uma certa realidade social, categoria ou classe social. Em vez disso, Rancière procurou lê-los como textos literários e filosóficos, marcas de uma luta por cruzar as fronteiras entre linguagens e mundos. O princípio da igualdade é um instrumento articulador de nomes, lugares e posições em formas e relações não perceptíveis ainda, o que faz o autor sugerir que não são necessariamente novas experiências, mas a alteração e reconfiguração do campo no qual as experiências estão dadas.

Na *Noite dos Proletários* foi necessário que eu extraísse os textos dos trabalhadores do status que a história social ou cultural atribuiu a eles: uma manifestação de uma condição cultural particular. Eu olhei para esses textos com invenções de formas de linguagem similares a todas as outras. A procura de sua valência política estava na sua reivindicação da eficácia da literalidade, nos poderes igualitários da linguagem, indiferente com relação ao status do falante". (RANCIÈRE, 2000a, p.116).

Nas palavras dos operários Rancière procura distinguir uma forma de construção de sentido que revela a fabulação, que depreende a construção ficcional do “como se” e seu agenciamento político nas descrições de objetos e ações.

É possível identificar um “como se” envolvido no “é o modo como as coisas são”. [...] Esse é o modo como extraio minhas pequenas narrativas da fábrica da história social, onde elas tinham o status de expressões de uma certa “cultura dos trabalhadores” a fim de fazer com que apareçam como proferimentos sobre e como ocorrem mudanças na partilha do sensível. Histórias sobre “estar lá” e as razões para se “estar lá”. (RANCIÈRE, 2009a, p.280-281)

Através do livre jogo de “faz de conta” permitido pela literatura, é possível identificar um “como se” envolvido no “é o modo como as coisas são”. O método da igualdade, segundo Rancière (2009a e b) pode detectar e destacar as operações de igualdade que podem ocorrer em todo lugar, em qualquer momento. Para ele, a história social está cheia de narrativas que devem ser apreciadas não só como documentos de um certo regime de verdade, mas como proferimentos acerca de como se produzem mudanças na partilha ordenada do sensível a partir do trabalho fabulador do “como se”.

É preciso inverter a maneira como um problema é geralmente apresentado. São as políticas que devem se apropriar, segundo sua forma própria de uso, dos modos de apresentação das coisas ou dos encadeamentos de razões produzidos pelas práticas artísticas, e não o contrário. (RANCIÈRE, 2006, p.163).

Essa operação dissensual e política sobre objetos materiais os mais diversos (imagens, textos, depoimentos, utensílios cotidianos, etc.) questiona uma leitura consensual que constantemente torna tais objetos invisíveis e indisponíveis ao

pensamento. Dito de outro modo, a poética do conhecimento surge no gesto daqueles que desejam se reapropriar de uma linguagem antes comum¹², mas que foi encampada por outros e tornada inacessível. Ela permite que as palavras sejam postas em circulação, extraíndo-as de seu lugar designado. A força da literaridade é o princípio que desorganiza, pelo excesso, as palavras e os gestos em uma relação contingencial, não causal ou organizada pelo consenso do modo de vida das técnicas do poder.

Esse excesso de palavras que chamo de literaridade interrompe a relação entre uma ordem do discurso e sua função social. Ou seja, a literaridade se refere, ao mesmo tempo, ao excesso de palavras disponíveis em relação à coisa nomeada; ao excesso relacionado aos requerimentos para a produção da vida; e ao excesso de palavras diante dos modos de comunicação que funcionam para legitimar o que é “próprio” (RANCIÈRE, 2000a, p.115).

A poética do conhecimento cria, assim, “um modo de racionalidade ou forma de linguagem amplamente acessível para que todos possam tomar parte nessa atividade criativa de invenção que permite uma redescritção e reconfiguração de um mundo comum de experiência” (RANCIÈRE, 2000a, p.116).

A nosso ver, essa é uma operação que resume o método de trabalho adotado por Rancière em sua filosofia política igualitária: ele opta por reenquadrar discursos já existentes de modo a criar novos enunciados a partir da reapropriação e montagem com sintaxes comuns. Assim, não seria equivocado dizer que o método de Rancière, sua poética do conhecimento, se aproxima de uma bricolagem, de um reenquadramento por meio do deslocamento do olhar, e das escolhas que o conduzem. É uma alteração nas cartografias do perceptível e do pensável, no sentido que Rancière configura seu trabalho com uma dimensão pragmática fundante não de conceitos mas sobretudo de práticas sociais. Nesse sentido, igualdade não é um valor do método ou mesmo um objetivo de procedimentos, mas sim uma ação prática metodológica, como temos visto, uma ação iterável que se opõe a qualquer noção de universalidade, mas que enseja a partir da experiência singular e única a sua forma estética.

O método da igualdade estabelecido por Rancière – sobretudo a partir do livro *Noite dos proletários* - opera por meio de dois movimentos simultâneos: o primeiro

¹² “De um lado, a linguagem comum é a recusa política de uma lógica policial de separação de idiomas. Os trabalhadores da *Noite dos Proletários* se recusaram a falar a ‘língua dos trabalhadores’. Recusaram uma identidade de grupo. De outro lado, a linguagem comum é uma referência metodológica: significa dizer que, a longo prazo, filósofos e historiadores, sociólogos e políticos falam, argumentam e fazem gestos através da mesma linguagem” (RANCIÈRE, 2000b, p.13-14).

procura questionar a causalidade como único princípio ordenador e hierarquizante das narrativas, pois “a lógica causal dominante é uma ordem subterrânea que determina o que é possível perceber ou pensar” (2009a, p.282). Tal forma de ordenação, segundo ele, busca reafirmar uma maneira consensual de apreender, valorizar e produzir sentido acerca da experiência vivida. “Eu sou estranho à ideia de que a filosofia teria a tarefa de estabelecer os fundamentos do saber. Para mim, ela seria bem mais uma atividade de desconstrução, de desclassificação. Ela deve questionar a pretensão dos discursos das Ciências Humanas”(RANCIÈRE, 2011, online).¹³

Estaria em questão uma forma consensual de partilha do sensível. A ordenação estética proporcionada pela ficção seria, contrariamente, um modo dissensual e conflitivo de elaborar um roteiro, uma trama, um enredo, que reconfigurasse o que é perceptível ou pensável a partir da experiência. A ficção relaciona-se a uma forma dissensual de partilha do sensível¹⁴.

Tento privilegiar as formas de escritura da história, as formas de apresentação das situações, de agenciamento dos enunciados, as formas de construção das relações entre causa e efeito ou entre antecedente e conseqüente que rasgam os formatos tradicionais, os modos de apresentação de objetos, de indução de significações e de esquemas causais que constroem a inteligibilidade padrão da história. Penso que um discurso teórico é sempre, ao mesmo tempo, uma forma estética, uma reconfiguração sensível dos dados sobre os quais ele argumenta. Reivindicar o caráter poético de todo enunciado teórico é também quebrar as fronteiras e as hierarquias entre os níveis de discurso. Aqui encontramos nosso ponto de saída.(RANCIÈRE, 2006, p.164)

É central enfatizar que Rancière não deseja eliminar a causalidade de seu método de “montagem” histórica dos documentos, mas fazê-la dialogar com a ficção, fazendo uma costura entre um princípio de contextualização e um princípio de descontextualização. Desclassificá-la em sua relação direta de causalidade.

Você precisa fazer as palavras ressoarem em seu espaço concreto e tempo de enunciação, em vez das generalizações do discurso histórico. Mas você também precisa desenhar uma linha de escape, a linha de universalização na qual a camada mais inferior dos pobres encontra o aristocrata e verifique que possuem algo em comum, que falam sobre a mesma coisa: as capacidades ou incapacidades envolvidas no fato de ter ou não tempo para a política. (RANCIÈRE, 2009a, p.282)

¹³ Entrevista concedida a Catherine Halpem em Sciences Humaines em 10 de maio de 2011. “ A emancipação é um problema de todos”.

¹⁴ A noção de “partilha do sensível” relaciona-se ao lugar que você ocupa numa ordem sensível, que é também uma ordem que divide espaços e possibilidades de ação e existência entre os sujeitos.

A ficção seria uma forma de trazer para a análise um acontecimento em termos de sua multitemporalidade, ou seja, por meio de diferentes enredos entrelaçados. O uso do termo “enredo” faz referência à intertextualidade de diversas sub-tramas em uma história ficcional, aumentando as possibilidades cênicas de desdobramentos performativos. Um romance, por exemplo, tem tramas centrais e tramas paralelas que vão alimentando a história em diferentes flancos.

O segundo movimento que delinea o método da poética do conhecimento é justamente a forma como Rancière considera “os textos dos operários como iguais a quaisquer textos, para serem estudados em sua textura e performance e não como expressões de outra coisa” (2016, p.72). As narrativas ofereciam, segundo ele, um mundo discursivo lacunar que tinha que ser mantido como tal para expressar o modo de vida de cujo trabalho as palavras eram resultantes, e não só sua expressão. Os textos dos operários foram articulados com textos literários, poemas, fragmentos de jornais, documentos institucionais, etc. “Assim, tive que colocar as palavras em relação a cenários e performances textuais que pertencem normalmente a outros registros, a mundos que supostamente não carregam nenhuma relação com a cultura da classe trabalhadora” (2016, p.74).

Rancière explicita em vários momentos (2000a, 2009a, 2016) como o livro *A noite dos proletários* surgiu a partir de um intenso trabalho de montagens e colagens envolvendo “equivalências e deslocamentos: um texto citado, um comentário sob a forma de uma paráfrase que desloca e inicia um movimento em direção a outra cena” (2016, p.82). A adoção do discurso indireto livre permitiu a instauração de uma escritura igualitária: “escapando da hierarquia entre o discurso que explica e o discurso que é explicado, e trazendo uma textura comum de experiência e reflexão sobre aquela experiência que cruza os limites entre disciplinas e a hierarquia dos discursos” (idem).

O livro possui, então, enredos que configuram um tipo de estrutura que tenta definir o que está em jogo através da montagem e reterritorialização de cenas distintas, que definem os operários como um tipo particular de sujeito ou ator, fazendo buscar uma forma de construir a inteligibilidade de uma série de fenômenos, situações e eventos aparentemente díspares. “O que eu sempre tentei fazer é tratar as palavras dos trabalhadores, dos pobres, dos sem-parte como todo o pensamento” (RANCIÈRE, 2011, online).

Nessa escrita igualitária há o processo da construção de um roteiro ou de enredos articulados nos quais há uma relação entre um mundo sensível e o que decidimos que ele significa, e há também o processo de conhecimento da palavra do operário.

Não é que a fala dos “pobres” seja vã, que seja necessário limpar as palavras de sua inexactidão até o limite em que a página está branca. Os falantes nunca falam em vão. Sua fala é sempre plena de sentido. Simplesmente, eles ignoram este sentido que os faz falar, que fala neles. O papel do historiador é de liberar esta voz. Para isso, ele deve anular a cena em que a fala dos pobres desdobra seus acentos cegos para levá-la à cena de sua visibilidade. Ele deve levá-la ao silêncio para que fale a voz muda que se exprime nela e para que essa voz torne sensível o verdadeiro corpo ao qual ela pertence (RANCIÈRE, 1994, p.55)

A palavra muda é aquela que escapa ao registro da historicidade e lançada novamente na cena a partir de outros modos de falar, escrever e ler, consegue alcançar o estatuto da visibilidade, audibilidade e legibilidade. Sob esse aspecto, a poética do conhecimento envolve os modos pelos quais um saber se escreve e se lê: “a poética procura definir o modo de verdade ao qual esse saber se consagra, não para lhe dar normas, para validar ou invalidar sua pretensão científica, mas para entrelaçar os discursos da história, da política e da literatura na produção de uma narração de uma história comum, legível para todos e ensinável a todos” (RANCIÈRE, 1994, p.16-17).

O método da igualdade requer, portanto, que o pesquisador se distancie dos sujeitos “tradicionais” da história, do modo como são nomeados e classificados, e também dos meios de verificação ligados à sua visibilidade e “inclusão” em um pretense comum de uma comunidade.

Daí a importância de escrever, o que fixa certa relação entre diferentes significados. Daí o gesto de evitar ligar uma cena de fala com uma cena real que supostamente estaria em sua base ou ao que as palavras refletem ou expressam; mas tentar ligar uma cena de fala a todas as ramificações que ela tem por si mesma ou que podem ser ligadas a ela via *storylines* que não são histórias de causalidade entre diferentes níveis, ou simples histórias com antes e depois.

A escrita subversiva e a literaridade

O desenvolvimento da intelectualidade do operário e as atividades de leitura e escrita que realizam durante a noite revelam, segundo Rancière, um curto-circuito na circulação hierarquizada dos saberes e enunciados. O gesto de escrever significa ter acesso a uma dinâmica comunicativa na qual as palavras se tornam órfãs, disponíveis para todos, sem serem guiadas pela voz de um mestre que pretensamente sabe como elas

devem ser relacionadas a coisas e quem tem direito ou não a fazer um uso apropriado delas. Escrever liberta as palavras de uma relação dada entre signos e corpos, tornando a enunciação disponível a qualquer um (Rancière, 2000b, 2006, 2009a, 2018).

Não se trata apenas de produzir novas interpretações sobre enunciados ou objetos, desnaturalizando as interpretações institucionalizadas, mas de invenção de um outro vocabulário, apresentando novos termos, novos enunciados ao lado daqueles que foram adquirindo força de lei. O próprio gesto da escrita é ressignificado nesse processo, uma vez que cria “um certo espaço comum, um modo de circulação da linguagem e do pensamento que não possui nem um emissor legítimo e nem um receptor específico, nem tampouco um modo de transmissão regulado” (2000b, p.12). Esse espaço de reinvenção de enunciados confere à literatura papel especial na construção da igualdade entre os interlocutores.

Escrever, segundo Platão, não é meramente um meio de transcrever os signos da linguagem, mas um status da linguagem que define um excesso, um desequilíbrio na relação entre signos, coisas e corpos. Para ele, escrever significava um circuito no qual as palavras se tornam órfãs, disponíveis para todos, sem serem guiadas pela voz de um mestre que sabe como elas devem ser relacionadas a coisas e que é também tem direito ou não a fazer um uso apropriado delas. Nos meus termos, escrever e ler configuram uma partilha do sensível. Escrever liberta as palavras de uma relação dada entre signos e corpos, borrando a distinção entre ouro e aço, tornando a mistura disponível a todos (RANCIÈRE, 2009a, p.278).

Toda forma de linguagem deve estar aberta a todos e qualquer um pode tomar parte no processo poético de construção do mundo comum via tradução/contra-tradução sobre qualquer tópico. Isso seria a democracia para Rancière, ou seja, o desenraizamento das palavras de uma plataforma que separa aqueles que podem e não podem ter acesso aos sentidos, promovendo uma abertura de acesso a todos. O modo de circulação das palavras serve como condição de possibilidade para a existência do sujeito em narrativas imagéticas intersectantes. A democracia é proposta por Rancière como regime de escrita e tradução.

Uma das manifestações mais evidentes da poética do conhecimento, segundo Rancière, é a literaridade (*literarity*), por ele descrita como um modo de circulação da escrita pautado em um excesso de palavras, um princípio de desordem, uma potencialidade comum de experiência individual e coletiva, a força do *demos* de alterar a distribuição de palavras (partilha política do sensível). A questão da política da literaridade em Rancière não está ligada diretamente à fala ou escrita, mas à acessibilidade

e disponibilidade da escrita (ação de escrever) a todos. O excesso de palavras desafia um sistema que condiciona a expressão e a recepção de textos e imagens.

Esse excesso de palavras, ao qual chamo de literaridade, interrompe a relação entre uma ordem do discurso e sua função social. Ou seja, a literaridade refere-se, ao mesmo tempo, a um excesso de palavras disponíveis em relação à coisa nomeada; ao excesso relacionado aos requerimentos para a produção da vida; e finalmente, ao excesso de palavras diante dos modos de comunicação que funcionam para legitimar a própria ordem adequada. (RANCIÈRE, 2000a, p.115)

Mas a literaridade não é só o excesso que configura uma potência que permite uma recombinação de signos capaz de desestabilizar as evidências dos registros discursivos dominantes: ela é o exercício mesmo do trabalho com a linguagem, da bricolagem e justaposição com signos e enunciados heterogêneos, proporcionando outras formas de apreender o visível e sua significação. Os falantes, em condição de igualdade (não está em jogo seu status), utilizam experimentalmente a escrita para criar “um certo espaço comum, um modo de circulação da linguagem e do pensamento que não possui nem um emissor legítimo e nem um receptor específico, nem tampouco um modo de transmissão regulado” (2000b, p.12).

Criatividade, linguagem e materialidade da expressão (linguagem, poiesis, produção) compõem a tríade central à emancipação – cada um tem que descobrir por si mesmo, em sua própria linguagem, a relação com um objeto. Sob esse aspecto, a literaridade pode ser definida como um modo de circulação da palavra escrita que pertence à partilha democrática do sensível. A emancipação está ligada ao acesso e à construção de um mundo comum através do trabalho com a linguagem (assim como a literatura). Todos devem trabalhar para emancipar a si mesmos trabalhando sua própria linguagem.

Aqui, a questão central para mim está no potencial politicamente fértil da oposição entre duas abordagens divergentes sobre como as palavras circulam. A palavra silenciosa da escrita, de acordo com Plato é aquela que prevalecerá não importa o que – tornando-se igualmente disponível àqueles que deveriam usá-las e aqueles que não estão intitulados a fazê-lo. A disponibilidade de uma série de palavras na ausência de um falante legitimado e de um interlocutor igualmente legítimo interrompe a lógica de Plato sobre o que é adequado, uma lógica que requer que todos estejam em seus lugares adequados, lidando com suas próprias questões. (RANCIÈRE, 2000a, p.115)

A política da literaridade busca desfazer as relações entre a ordem das palavras e a ordem dos corpos que determinam o lugar e a função de cada um. A questão da política da literaridade não está ligada diretamente à fala ou escrita, mas à acessibilidade e

disponibilidade da escrita (ação de escrever) a todos. Mesmo aqueles que não têm acesso à ordem do discurso, que são relegados a um status de não falantes, possuem acesso à escrita. A escrita coloca em jogo uma forma de apropriação não controlada da palavra que provoca um desvio de legitimidade. A produção de panfletos e cartazes nas manifestações de rua, por exemplo, estabelece uma forma de circulação das palavras que promove um curto-circuito de legitimidade que estabelece que a mensagem parta de um determinado emissor, chegue a um receptor idealizado por um meio estabelecido.

[...]temos o poder de colocar em mais palavras em circulação, palavras sem uso e desnecessárias, que excedem a função ou designação rígida. Segundo, porque essa habilidade fundamental de proliferar palavras é contestada incessantemente por aqueles que consideram que “falam corretamente”, ou seja, pelos mestres da designação e classificação que, pela virtude de querer reter seus status e poder, negam essa capacidade de fala. (RANCIÈRE, 2000a, p.115)

Trata-se aqui de perceber que a palavra não pode ser controlada, ela vai para lugares que não deveria ir, incluindo as mãos/olhos daqueles que não deveriam manejá-la. O jogo da palavra desierarquizada mostra que o poder nela contido pode ser retomado e desviado por qualquer um. “Isso implica uma modificação da relação entre a circulação da palavra e a distribuição dos corpos que não está em jogo na simples troca monetária” (RANCIÈRE, 2009a, p.150). Dito de outro modo, na troca monetária a relação entre dinheiro e produto não permite uma reapropriação e questionamento da circulação de bens. Um excesso de 20 centavos no valor das passagens do transporte público não coloca em causa a estratificação social, mas o excesso de palavras que deriva desse aumento perturba a ordem consensual de circulação estratificada dos enunciados.

Um modo de alcançar a literaridade, de evidenciar sua força e marcar seus efeitos é localizar e analisar aqueles espaço-tempos nos quais um excesso de palavras interrompe a relação entre a ordem do discurso e a ordem dos corpos (Chambers, 2013).

Assim, o método da igualdade de Rancière consiste em articular nas narrativas das pessoas a subversão de uma performance da desigualdade. Na construção e escrita de sua experiência sensível, o operário implementa, como vimos, um “como se” diferente que desloca a lógica que o remete a um dado lugar social. Não há aqui um uso das artes, da literatura e da escrita como instrumento de libertação da consciência e instauração de uma revolução contra a opressão de classe. Rancière aposta em um reenquadre da situação de opressão: ela não deixa de existir, porém há uma transformação molecular dos afetos que permitem uma abertura a novas percepções:

O operário liberta a si mesmo ao se tornar menos consciente da exploração e ao colocar de lado, seu controle sensorio. Ele liberta a si mesmo ao alimentar um poder de auto-engano (auto-ilusão). Esse poder o faz trabalhar ainda mais em benefício de seu inimigo, e contra a conservação de sua saúde. Mas esse contra-efeito, que resulta de seu modo de reenquadrar o espaço e o tempo de exercício de sua força de trabalho é a fonte de um novo prazer, o prazer de uma nova liberdade (RANCIÈRE, 2009a, p.277).

Quando o operário lê e escreve, ele fabula: inventa novas formas e possibilidades de ser, desfazendo a relação entre a tarefa que seu corpo executa e o que figura como sua preocupação intelectual. Assim, o auto-engano não é sinônimo de alienação: não é a ignorância que sustenta a submissão, mas, no seu oposto, é o impedimento que a engrenagem do poder produz à fabulação. Na literatura do realismo romântico, o autor encontra o lugar político e desclassificatório da descrição excessiva da realidade ficcional.

Posto de outra maneira, a questão da ficção contém dois outros aspectos entrelaçados entre si. A ficção designa certo arranjo dos eventos, mas também designa a relação entre um mundo referencial e mundos alternativos. Isso não é uma questão de relação entre o real e o imaginário. Isso é questão de uma distribuição de capacidades de experiência sensorial, do que os indivíduos podem viver, o que podem experienciar e até que ponto vale a pena contar a outros seus sentimentos, gestos e comportamentos (RANCIÈRE, 2010, p.79).

A operação fabuladora da escrita e da leitura não tem como objetivo conhecer o que era ignorado e agir sobre uma realidade injusta. O desenvolvimento da intelectualidade do operário e as atividades de leitura e escrita que realizam durante a noite revelam um curto-circuito na circulação hierarquizada dos saberes e enunciados. O gesto de escrever significa ter acesso a um circuito no qual as palavras se tornam órfãs, disponíveis para todos, sem serem guiadas pela voz de um mestre que sabe como elas devem ser relacionadas a coisas e quem tem direito ou não a fazer um uso apropriado delas. Escrever liberta as palavras de uma relação dada entre signos e corpos, tornando a enunciação disponível a todos.

Rancière (2006, 2009a) afirma que a importância da escrita e da leitura não está necessariamente na produção do conteúdo das mensagens e representações, mas sua associação a um outro regime sensível: o roubo, a urgência apaixonada, o sentimento de afetação coletiva que conecta o sujeito a uma comunidade mais ampla de atos de pensamento e criação, de palavra e de escuta que se chamam e se respondem. O que o operário alcança com a leitura e a escrita é também a capacidade de se conectar a uma comunidade sensível parcial, aleatória e que não se vincula necessariamente à classe social, mas que permite pequenas invenções no ato mesmo de fazer circular histórias,

objetos e enunciados, multiplicando as racionalidades disponíveis no gesto de conferir uma forma singular à capacidade de fazer e dizer que pertence a todos.

O que a literatura proporciona aos trabalhadores não é a consciência de sua condição, mas a paixão que torna possível quebrar sua condição, porque a paixão é proibida por sua condição. A literatura não faz política promovendo mensagens ou enquadrando representações. Ela faz política incitando paixões, que significam novas formas de equilíbrio ou desequilíbrio entre ocupação (trabalho) e o equipamento sensorio que a configura (RANCIÈRE, 2009a, p.278).

Importante notar como Rancière deixa claro que a resistência proporcionada pela escrita e pela leitura não se relaciona necessariamente com o conteúdo das mensagens, mas com as paixões e sentimentos que despertam. “O que o operário precisa roubar da literatura é o segredo de uma tristeza formidável e misteriosa” (RANCIÈRE, 2009a, p.278).

A política da literatura, a política da escrita consiste em uma forma de experiência estética baseada na libertação da palavra e na igualdade que se instaura quando qualquer um pode dela se assenhorar, sem a necessidade de seguir um roteiro ou fórmulas específicas de enunciação. Trata-se de uma igualdade sensoria e expressiva em vez de uma igualdade apenas legal ou econômica.

Considerações finais: um método em busca das resistências possíveis

Buscamos aqui apresentar os contornos do que vem a ser o método da igualdade no pensamento do autor e que nos permite dialogar com vários campos de pesquisa contemporâneos. O método da igualdade não se dá pelo hibridismo de procedimentos ou por alguma técnica metodológica, mas se apresenta como um agir político em uma cartografia do visível, do enunciável e do sentido.

Um método significa um caminho: não o caminho que um pensador segue, mas o caminho que ele constrói, que você tem que construir para saber onde você está, para descobrir as características do território pelo qual você está passando, os lugares que ele permite você vai, o jeito que te obriga a se mover, os marcadores que podem te ajudar, os obstáculos que atrapalham. Examinar um método significa, portanto, examinar como as idealidades são materialmente produzidas. "As idéias são forças materiais", diz Marx, "quando elas dominam as mentes das multidões". A fórmula é apenas metade materialista. Ideias sempre são realidades materiais, assumindo corpos, dando-lhes um mapa do visível e orientações para o movimento (RANCIÈRE, 2009b, p. 114).

O método em Ranciere consiste em criar condições de pensar as formas de resistência ao poder como formas de invenção de processos de sujeito. Assim é que a subjetivação política é fundamental como um processo de desidentificação para a partilha

do sensível da política. A subjetivação política enseja dimensões da dramatização teatral, da heterologia e da demonstração argumentativa como forças que deslocam o lugar e o tempo da experiência social.

A demonstração argumentativa é a capacidade de dizer-nos como iguais frente a um estatuto da desigualdade permanente, ela exige portanto a força (*kratos*) da experiência. A dramatização teatral é o ato excessivo e exagerado da demonstração de que aqueles não-contados na aritmética e na geometria da polícia podem aparecer, deslocam a invisibilidade da partilha que impede sua aparição (DERANTY; ROSS, 2012). Transformam o espaço e o tempo em um lugar e em uma experiência de sujeitos. A dramaticidade do exagero performatiza sua aparição frente a invisibilidade das experiências dos não-contados na ordem policial (CITTON, 2009). A heterologia apresenta-se como a impossibilidade de qualquer identidade. A alteridade (*heteron*) é uma série de atos entre posições misturadas da comunidade regulada e da desorganização de sua própria ordem, a desidentificação do lugar designado socialmente que não se finda em uma outra identidade.

Com esses elementos em mente é que argumentamos aqui as características de um método no pensamento de J. Rancière que se dá por determinados movimentos práticos do agir. Sua proposta almeja criar condições para uma intertextualidade horizontal entre as experiências que dão visibilidade a contingência das designações hierárquicas da sociedade mas também às fraturas possíveis de seus deslocamentos. O método da igualdade é uma posição que cria condições para a justaposição de elementos que se articulam agora por um princípio: revelar o dano em que a vida social se estrutura.

Rancière inaugura uma prática de construção de cenas polêmicas, recorrendo à eleição e descrição factual de gestos e micro-acontecimentos singulares e, através desses, busca uma operação que reordene a rede de significações referenciada das cenas singulares a partir da lógica da partilha do sensível. Assim, esse autor reconfigura uma posição subjetiva, intencionando através dessa exposição dispor os elementos da rede de significação de forma a criar temporalidades e espacialidades nas quais os sujeitos que até então não apareciam na cena, possam ter vozes, lugares e posições. O método da igualdade enfatiza uma nova disposição da rede de significação a ser explorada desde um acontecimento singular com o princípio de deslocar a posição do micro-acontecimento na cadeia discursiva apresentada na sua aparição e impor uma operação de deslocamento - e

ao mesmo tempo de construção - de uma variação que inclui uma alteração na sua referencialidade temporal e espacial: a construção da cena.

Construo a cena como uma pequena máquina na qual se podem condensar o máximo de significações em torno a uma questão central, que é a partilha do sensível. A partir disso, construo a cena em função de sua capacidade para interrogar todos os conceitos ou discursos, todas as ficções que tratam das mesmas questões, a saber, que relação existe entre o fato de ter tempo ou não ter tempo e o fato de poder pensar ou de não poder pensar (RANCIERE, 2016, p. 100)

A construção da cena é a prática do próprio método que enseja colocar em disposição a complexa rede de significações em dois momentos de rearticulação entre si e na transversalidade dos discursos. Dessa maneira, Rancière opera um narrador da cena que tem a capacidade de colocar a palavra onde há o silenciamento da voz dos sujeitos, a imagem e o pensamento não se distinguem uma vez que é no exagero do excesso de nomes e corpos que essas referencialidades são dispostas na forma de uma *poética do conhecimento*. A narrativa não tem forma única para o autor, mas é através dessa forma de escrita e de relato (não ordenado cronologicamente ou passível de produzir outros arranjos posicionais) que a construção da cena poderá encontrar vozes onde apenas haviam ruídos.

O curso do que se conta não é o relato da cena, mas o que me permite coordenar os fatos que organizo juntos. A cena pode perfeitamente manter-se latente como o princípio da inteligibilidade por trás da escritura que não se escreve tal qual. A cena pode ser contada, pode ter uma voz, e nesse momento é preciso inventar um narrador, inventar um modo de narração (RANCIERE, 2016, p. 104).

O método da igualdade portanto se dá na construção da cena, através das posições da *poética do conhecimento*, e pode acontecer em qualquer lugar, em todos os lugares. É factível que encontremos em todos lugares formas de eleger, descrever e narrar uma cena singular que evidencia os elementos disjuntivos das redes de significação já dada pela designação e hierarquização classificatória. Assim, não há sujeitos típicos ou cenas melhores há sim uma forma de ordenamento capaz de desatar os nós já amarrados das lógicas classificatórias e evidenciar que é possível pensar um mundo onde as redes de significação se atrelam de outros tempos e espaços em qualquer lugar. Esse princípio, observado por Rancière (2007) ao investigar o trabalho do educador Jacotot no século XIX identifica ali o método da igualdade por excelência, através do que Jacotot chamou de "*panecastic philosophy*" um método capaz de identificar em cada ato único e singular a totalidade do poder.

Esse método pode receber vários nomes: Joseph Jacotot, o pensador da emancipação intelectual, nomeou-o como ‘panecastic philosophy’, porque era um método para encontrar em toda manifestação peculiar (*ekaston*) de inteligência, o todo (pan) de seu poder, ou seja, o poder da igualdade (RANCIÈRE, 2009a, p.34).

Como programa de pesquisa e norte orientador de nossos interesses, tentamos mostrar que a epistemologia que fundamenta o gesto metodológico de Rancière nos convida a considerar “uma textura perceptível da experiência que precisa ser encontrada e só o pode ser afastando de vez as hierarquias entre diferentes níveis de conhecimento, política, sociedade, intelecto ou cultura popular” (RANCIÈRE, 2016, p.37).

Referências

- CHAMBERS, Samuel. The politics of literarity. **Theory and Event**, 2005, v.8, n.3.
- CHAMBERS, Samuel. **The Lessons of Rancière**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- CITTON, Yves. “Political Agency and the ambivalence of the sensible”. In: ROCKHILL, Gabriel; WATTS, Philip (eds.). **Jacques Rancière: History, Politics, Aesthetics**. Durham and London: Duke University Press, 2009, p.120-139.
- DERANTY, J-P; ROSS, A. (eds.), **Jacques Rancière and the contemporary scene: the philosophy of radical equality**. London, Continuum International Publishing Group, 2012.
- FOUCAULT, Michel. “Sobre as prisões”. MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e Escritos IV, Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1971]2003, p.4-5.
- FOUCAULT, Michel. “Manifesto do Grupo de Informação sobre as Prisões”. MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e Escritos IV, Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1971]2003, p.2-3.
- FOUCAULT, Michel. “Omnes et Singulatim”. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e Escritos IV, Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1981] 2003, p.355-386.
- MARQUES, Ângela C. S. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade, **Galáxia**, São Paulo, nº 22, p. 25-39, dez. 2011.
- MARQUES, Ângela C. S. Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso. **Discursos Fotográficos**, Vol. 10, Nº 17, pp. 61-86, 2014.
- MARQUES, Angela C. S. e PRADO, Marco Aurélio M. **Diálogos e Dissidências**. Michel Foucault e Jacques Rancière. Curitiba: Appris, 2018.
- MEY, Adeena. Rancière as Foucauldian ? On the distribution of the sensible and new forms of subjectivities. In: NILSSON, JAKOB; WALLENSTEIN, SVEN-OLOV, Foucault, Biopolitics and Governmentality, **Philosophical Studies**, Södertörn, 2013, p. 175-183.
- PANAGIA, Davide. Ceci n’est pas un argument: an introduction to the “Ten Theses”, **Theory & Event**, v.5, n.3, 2001.
- PANAGIA, Davide. Thinking with and against “Ten Theses”, **Theory & Event**, v.6, n.4, 2003.
- PANAGIA, Davide. **Rancière’s sentiments**. London: Duke University Press, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da História**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.

- RANCIÈRE, Jacques. **La Mésentente– politique et philosophie**. Paris: Galilée, 1995.
- RANCIÈRE, Jacques. Dissenting words: a conversation with Jacques Rancière, by Davide Panagia. **Diacritics**, v.30, n.2, 2000a, p.113-126.
- RANCIÈRE, Jacques. Literature, Politics, Aesthetics: Approaches to Democratic Disagreement. Interviewed by Solange Guénoun and James H. Kavanagh, **Substance**, n.92, 2000b, p.3-24.
- RANCIÈRE, Jacques. **Aux bords du politique**. Paris: Gallimard, 2004.
- RANCIÈRE, Jacques. Le coup double de l’art politisé: entretien avec Gabriel Rockhill. **Lignes**, v.1, n.19, 2006, p.141-164.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte : Ed. Autêntica, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. “Art is going elsewhere. And politics has to catch it. An interview with Jacques Rancière”, by Sudeep Dasgupta. **Krisis**, v. 1, 2008, p.70-76.
- RANCIÈRE, Jacques. The method of equality: an answer to some questions. In: ROCKHILL, Gabriel; WATTS, Philip (eds.). **Jacques Rancière: History, Politics, Aesthetics**. Durham and London: Duke University Press, p.273-288, 2009a.
- RANCIÈRE, Jacques. A few remarks on the method of Jacques Rancière, **Parallax**, 2009b, v.15, n.3, p.114-123.
- RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n.86, 2010, p.75-90.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. São Paulo : Ed. Martins Fontes, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. **The method of equality**. Interviews with Laurent Jeanpierre and Dork Zabunyan. Cambridge: Polity Press, 2016.
- RANCIÈRE, Jacques. **La méthode de la scène**. Entretien avec Adnen Jdey. Paris: Lignes, 2018.
- ROJAS, Juan Pablo. **Escenas del pueblo: un plano común de pensamiento entre Foucault y Rancière**. Dissertação de mestrado em Filosofia, Pontificia Universidad Javeriana, Facultad de Filosofia, 2015.